



Propostas novas para novos mundos

Alejandra Coz Rosenfeld Ana Cláudia Henriques Andreia Azevedo Moreira
Carlos Nuno Granja Carlos Seabra Dennis de Oliveira Eliane Testa Fiamma Viola
Franco Barbato Gian Luca Masciangelo Graziela Andrade João Morales
Julie-Cerise Gay Marcia Langfeldt Marcos Silva Melina Sarnaglia
Mirian Ringel Paulo Branco Lima Peilin Yu Pilar Colás Pires Laranjeira
Rômulo Garcias Virna Teixeira Wagner Merije

(C) Aquarela Brasileira Livros
(c) Autores/as

Aquarela Brasileira Livros

www.aquarelabrasileira.com.br
facebook.com/aquarelabrasileira
E-mail: faleaquarela@gmail.com

Brasil - Portugal

Organização e Coordenação Editorial: **Wagner Merije**

Editor adjunto: **Paulo Branco Lima**

Arte & Design: **Rômulo Garcias**

Produção: **Bella Rossi**

Revisão: **Maria Rita Cândida**

ISBN: 978-65-86867-05-3

Ao citar esta publicação,
dê crédito aos autores e à obra.

When quoting this publication, give credit
to the authors and the work.

Agosto/August/2020

Comitê Editorial / Editorial Board

Augusto Rodrigues da Silva Junior
Universidade de Brasília - UNB

Hérica Jorge Pinheiro
Universidade de Coimbra / Ministério do Ensino Superior,
Ciência e Cultura de Timor-Leste

Jairo Faria Mendes
Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ

João de Deus Leite
Universidade Federal do Tocantins - UFT

Jorge Lucio de Campos
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Roberto Antônio Penedo do Amaral
Universidade Federal do Tocantins - UFT

“We were scared, but our fear
was not as strong as our courage.”

Malala Yousafzai



SUMÁRIO / Contents

- 6 Prefácio
- 10 Preface
- 14 **Retratar a realidade**
Virna Teixeira
- 17 **Buraco Negro**
Pires Laranjeira
- 22 **Propostas antigas para o mundo de sempre**
João Morales
- 29 **Reflections on time in the days of a Pandemic**
Miriam Ringel
- 34 **As últimas coisas**
Marcia Langfeldt
- 45 **Na cama a ganhar coragem para me levantar, ouço-o baixinho para o tecto:
quando saímos daqui?**
Andreia Azevedo Moreira
- 60 **Gnõthi seauton: pensamentos e práticas à procura de novas primaveras**
Wagner Merije
- 75 **Tempo: uma breve ontologia de pijama**
Graziela Andrade
- 81 **Corona Vírus como possibilidade de uma nova era:
O Princípio do fim da Barbárie**
Ana Cláudia Henriques
- 94 **Somos aqueles por quem estávamos esperando**
Fiamma Viola + Melina Sarnaglia
- 110 **As iniquidades que nos afetam: passado, presente e futuro**
Marcos Silva

- 116 Cicatrizar es un proceso biológico**
Alejandra Coz Rosenfeld
- 121 Um quarto de volta e mais um regresso**
Carlos Nuno Granja
- 130 Proposta, protesto em França!**
Julie-Cerise Gay
- 135 Aprender, tecnologia e pós-pandemia**
Carlos Seabra
- 142 Mãe terra maltratada, seus filhos se perdem**
Dennis de Oliveira
- 146 Faca, arbusto e uma vida nova depois da Covid-19?**
Peilin Yu
- 152 O Sabor do Próprio Veneno**
Paulo Branco Lima
- 158 Versos des(confinados)**
Rômulo Garcías
- 172 Dos vastos mundos (im)possíveis**
Eliane Testa
- 184 Elijo vivir**
Pilar Colás
- 188 Irrealismo Poético**
Franco Barbato
- 208 Hello world / ciao mondo**
Gian Luca Masciangelo
- 210 Notas e Agradecimentos**
- 211 Notes and Acknowledgments**



As iniquidades que nos afetam: passado, presente e futuro

Em tempo de máscara, sorrisos escondidos e olhares afetivos, temos acompanhado a evolução do novo coronavírus. A pandemia assola diferentes grupos sociais, da elite aos grupos mais vulneráveis: moradores de rua, moradores de favelas e periferias, idosos, pessoas do sistema prisional, entre tantos outros, bem como a população racializadas (negros, afrodescendentes, indígenas) entre outras. Entendemos que os grupos mais vulneráveis são os mais atingidos devido ao racismo estrutural.

A pandemia da covid-19 alterou o cotidiano das pessoas nas sociedades contemporâneas, fixando novos modelos de relacionamento e comportamento. Alterações profundas ocorridas em uma perspectiva psicossocial mostram suas diferenças, no entanto apresentam também o que existe de comum, os afetos. À medida que a pandemia continua a se espalhar, diferentes veículos de informação enfatizam diversos temas relacionados ao momento atual nas sociedades contemporâneas.

Notícias têm sido veiculadas em todos os meios de comunicação, em todo o mundo sobre a pandemia. Por um lado, o afeto parece ser um dos “remédios mais receitado” nas mídias.

“Reforce o afeto: ligue diariamente.

“O afeto, amor, carinho e a calma são essenciais. O afeto é o mais importante”.

“É muito difícil viver sem o afeto diário no núcleo familiar”.

“Neste período a senhora recebeu muito afeto e solidariedade da sua cidade, em particular dos alunos da quinta série”.

“As máscaras complicam os afetos, mas os olhos revelam que estão sorridentes”.

Nesta direção Bader Sawaia¹, questiona: qual seria esse afeto? É preciso ter cuidado para o efeito colateral do individualismo e do afetivismo, cujo benefício é fugaz e ilusório.

Por outro lado, observamos outras notas, amplamente divulgadas pela mídia (inter)nacional. Nesse sentido o meu olhar recaiu sobre as desigualdades sociais e raciais, considerando que as iniquidades em diversos segmentos das sociedades contemporâneas são resultados de injustos processos socioeconômicos e raciais.

“O tiro que matou João Pedro”

“Favelas do Rio não têm paz, nem mesmo na pandemia!”.

“...mais um jovem negro assassinado brutalmente”.

“Estudante denuncia racismo por uso de máscara de proteção no Rio de Janeiro.”

“A pandemia e a luta indígena em um planeta que tem febre: a pandemia mata”.

Nas sociedades contemporâneas, o racismo estrutural tem corroborado com a morbimortalidade das populações racializadas, em particular, em tempos de pandemia do coronavírus. Entendemos que, a presença do racismo, do preconceito e da discriminação racial como práticas sociais, representa obstáculos à redução das desigualdades raciais. Assim, ressaltamos a importância de dar visibilidade e mobilizar toda a sociedade para o combate ao racismo, em especial no que se refere a juventude negra. O racismo deve ser amplamente combatido pela humanidade. As sociedades contemporâneas insistem em negar o racismo, e que quanto mais tarde essas sociedades encararem as mazelas históricas da desigualdade, mais jovens terão sua cidadania sepultada.

Não existe uma maneira única de ser jovem. Cada um constrói, à sua maneira, um modo de ser, de agir, de confabular e de fazer sua história, dentro de uma circunstância dada. O sentido existencial do jovem está em formação, o que o faz necessitar de coisas concretas e de sonhos. É próprio ao jovem ansiar por oportunidades, formular projetos de vida adulta, deixar-se fascinar pela liberdade, sonhar com experiências de realização no trabalho, nas amizades, na sociedade.

Que o apoio nas fases inicial e intermediária da infância seja complementado por investimentos em educação, creche, cuidados de saúde, proteção, segurança e participação dos adolescentes, em especial para jovens negros e indígenas. Que dados e informações sejam coletados para identificar os grupos mais vulneráveis de jovens em todas as regiões e as iniquidades que os afetam, para lhes garantir mais investimentos, oportunidades e direitos.

Que os jovens sejam ouvidos nos processos de tomada de decisão como condição essencial para se alcançar mais equidade. Que as escolas aproveitem o interesse dos jovens pela aprendizagem e contribuam para que eles adquiram competências, habilidades e conhecimentos necessários para desenvolver todo o seu potencial. Que um esforço especial seja feito para reduzir a violência que atinge os jovens negros, indígenas, nas sociedades contemporâneas, em particular no Brasil. Cada jovem assassinado é um ataque à humanidade, especialmente à sociedade brasileira.

Diante de um cenário de altas taxas de desemprego, e de desestruturação e precarização do trabalho, como a juventude tem reagido? Hoje, jovens de todas as classes e situações sociais expressam inseguranças e angústias ao falar das expectativas em relação ao trabalho, no presente e no futuro. Por isso, é urgente a criação de programas específicos para essa população.

É na fase da juventude que o flagelo do desemprego ganha contornos preocupantes, consequentemente, há grande quantidade de jovens com baixa escolaridade e falta de experiência para a inserção no mundo do trabalho. O que leva a uma realidade em que justamente no início de vida profissional e adulta se encontram numa condição de desemprego, desalento e desprovidos da possibilidade de construção de um projeto de vida adulta.

O que haveria de comum entre jovens? Que vínculos existem entre jovens que possuem garantias familiares para se escolarizarem no tempo adequado e outros de mesma idade, que já se encontram diante dos desafios e de barreiras sociais? O que tem em comum jovens que vivem em espaços sociais economicamente valorizados da cidade e jovens que moram nas favelas e periferias? Jovens racializados (negros, indígenas) e jovens brancos? Ainda que de gênero, classes e idades semelhantes? Certamente, as respostas vão muito além da agregação etária, da cor/raça, mas apontam para a necessidade de refletir sobre as diferentes condições objetivas e percepções sobre os sentidos de ser jovem hoje. Somente dessa forma é possível dirigir um olhar sobre a juventude que contemple a sua diversidade, mais adequado à situação real.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que se está diante de uma mesma geração quando os sujeitos, em alguma medida, vivenciam espaços-tempos comuns de sensibilidades, saberes, memórias, experiências históricas e culturais. Diante do agravamento das condições de vida de parte ampla da população jovem brasileira – em especial os setores mais vulneráveis: jovens indígenas, jovens negros e moradores de periferias e favelas – incide diretamente no aumento da sensação de insegurança no presente e das incertezas quanto à vida futura. Não é de se estranhar, assim, que sobre eles tenham recaído as principais ações – não necessariamente de políticas públicas – de controle social tutelar e repressivo e violento. Vidas negras importam!

Nesse processo, muitos jovens vêm pagando o preço de políticas econômicas que os excluem das possibilidades de incorporar-se de maneira produtiva e cidadã à sociedade. Um dos grandes desafios democráticos se relaciona com as encruzilhadas que podem ser percorridas para que a participação social se torne objetivo e meta realizável numa sociedade em que tantos jovens se encontram em processo de exclusão econômica e marginalização social.

A ampliação de conhecimentos sobre as diferentes realidades juvenis, necessidades insatisfeitas, motivações e subjetividades em curso, especialmente àquelas relacionadas com os jovens pobres e negros que mais dificuldades enfrentam para realizar escolhas alternativas e projetos autônomos, é condição necessária para a definição de políticas públicas sintonizadas com os sujeitos e realidades que se quer transformar.

As contínuas transformações do mercado de trabalho, a desigualdade social, o racismo estrutural, repercutem na vida e na formação do jovem. Essa realidade provoca o poder público, a escola, a família e as sociedades contemporâneas, a discutirem a realidade do emprego, da capacitação profissional, da segurança, do combate a violência para com os jovens.

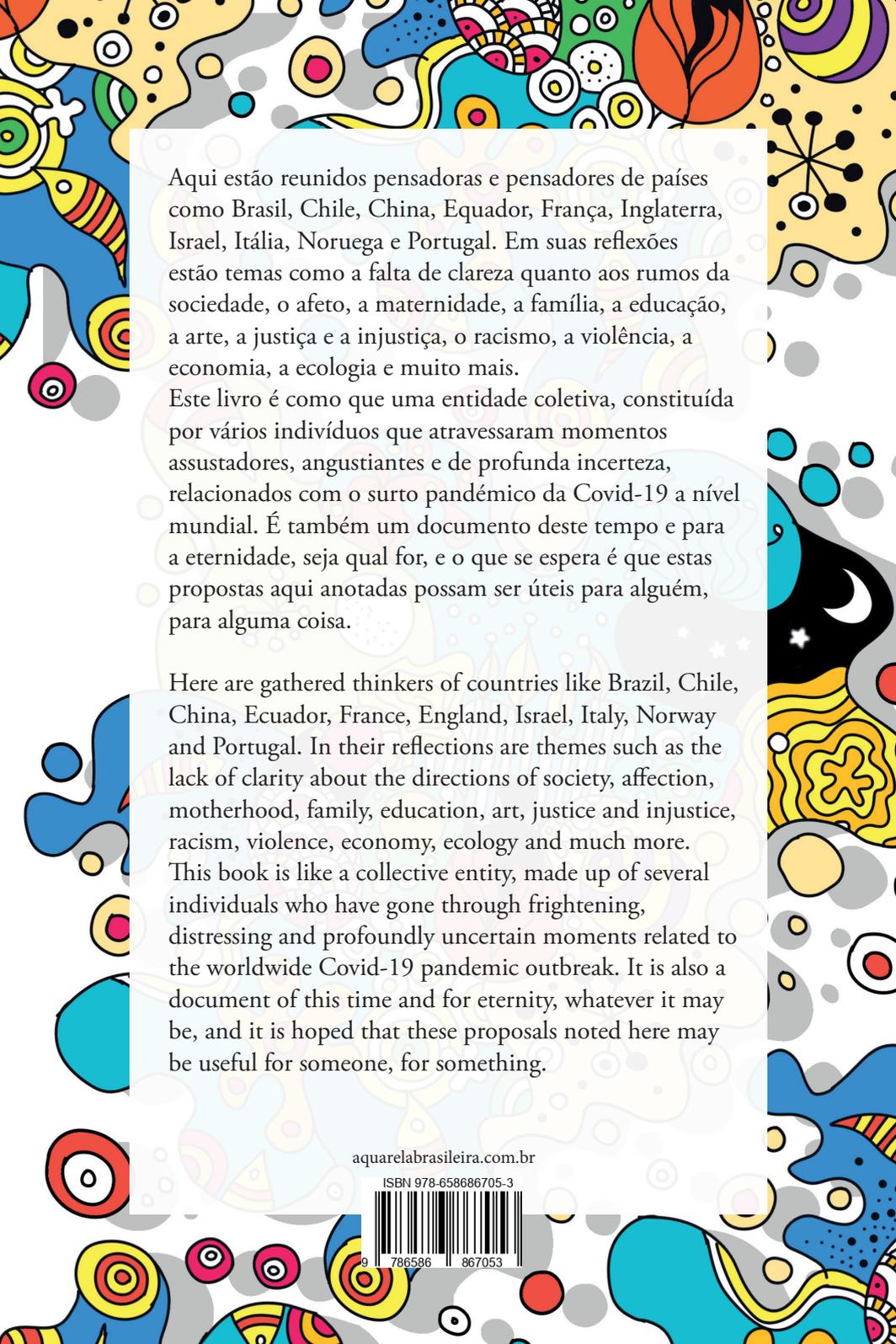
Há necessidade de políticas públicas voltadas à população juvenil. Tal procedimento compreende não apenas a formulação e a implementação de políticas de inserção, como também de programas de lazer e cultura – há ausência de espaços culturais para os jovens nas periferias, capacitação profissional e para a cidadania, a oferta de oportunidades de experiências de vida e o próprio conceito de trabalho.

Numa sociedade marcada pela transitoriedade, repleta de sinais confusos, propensa a mudar com rapidez e de forma imprevisível, a escola, a família, o Estado, e as demais instituições devem

proteger os jovens, bem como, cuidar da formação ético-social e profissional, para que estes possam modificar suas biografias e a de seus companheiros. Para que a juventude se torne realmente uma fase de oportunidades para todos, será preciso, que as necessidades específicas desta fase sejam contempladas nas políticas públicas, e que a agenda dessas políticas seja uma agenda específica e positiva focada na promoção do desenvolvimento integral da juventude.

MARCOS ANTONINO BATISTA DA SILVA é doutor em Psicologia Social, pela PUC-SP, Brasil. Investigador em pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra (UC), Portugal e integrante do projeto (725402 — POLITICS — ERC-2016-COG).

E-mail: marcos.psico@yahoo.com.br



Aqui estão reunidos pensadoras e pensadores de países como Brasil, Chile, China, Equador, França, Inglaterra, Israel, Itália, Noruega e Portugal. Em suas reflexões estão temas como a falta de clareza quanto aos rumos da sociedade, o afeto, a maternidade, a família, a educação, a arte, a justiça e a injustiça, o racismo, a violência, a economia, a ecologia e muito mais.

Este livro é como que uma entidade coletiva, constituída por vários indivíduos que atravessaram momentos assustadores, angustiantes e de profunda incerteza, relacionados com o surto pandêmico da Covid-19 a nível mundial. É também um documento deste tempo e para a eternidade, seja qual for, e o que se espera é que estas propostas aqui anotadas possam ser úteis para alguém, para alguma coisa.

Here are gathered thinkers of countries like Brazil, Chile, China, Ecuador, France, England, Israel, Italy, Norway and Portugal. In their reflections are themes such as the lack of clarity about the directions of society, affection, motherhood, family, education, art, justice and injustice, racism, violence, economy, ecology and much more. This book is like a collective entity, made up of several individuals who have gone through frightening, distressing and profoundly uncertain moments related to the worldwide Covid-19 pandemic outbreak. It is also a document of this time and for eternity, whatever it may be, and it is hoped that these proposals noted here may be useful for someone, for something.

aquarelabrasileira.com.br

ISBN 978-658686705-3



9

786586

867053